

MIGRAÇÃO DE TRABALHADORES JORNALEROS AGRÍCOLAS PARA O CAPITAL NOS ESTADOS DE OAXACA, CHIAPAS E GUERRERO (MÉXICO)

Fredi dos Santos Bento

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciência e Tecnologia (FCT/UNESP)
Presidente Prudente/SP – Brasil
E-mail: fredisousuke@gmail.com

RESUMO

Este texto visa a reflexão em torno da configuração apresentada nos estados de Oaxaca, Chiapas e Guerrero no México nessa viragem do século XXI, podendo se perceber o avanço cada vez mais voraz do capital sobre o trabalho, imerso em ambientes refeitos pela reestruturação produtiva. Nesse início do século XXI, se amplifica cada vez mais a ofensiva do capital sobre o trabalho, impulsionada pela necessidade insaciável de acumulação / reprodução na América Latina. No Brasil, entre as várias formas de concretização deste modelo social, destacamos a agrohidronegócio canavieiro, que sob a prerrogativa do discurso falacioso do desenvolvimento nacional, sustentável, etc., omite várias queixas em relação a violações trabalhistas, a saúde dos trabalhadores, sustentabilidade, questão sindical, questões ambientais, entre outras. Um exemplo é a configuração apresentada na Região Administrativa Presidente Prudente (São Paulo, Brasil) que nos ocuparam em nossos estudos no país, com destaque para a migração de trabalhadores de várias regiões do Nordeste brasileiro, para o corte manual de cana de açúcar. Nesta perspectiva, neste texto tentamos entender a realidade dos trabalhadores migrantes temporários no México, especificamente nos estados de Oaxaca e Chiapas, procurando analisar seu trabalho e trajetória de vida.

Palavras-chave: Migrações de trabalho; Agrohidronegócio; Trajetória de trabalho; México

MIGRACIÓN DE TRABAJADORES JORNALEROS AGRÍCOLAS PARA EL CAPITAL EN LOS ESTADOS DE OAXACA, CHIAPAS Y GUERRERO (MÉXICO)

RESUMEN

Este texto apunta a la reflexión en torno a la configuración presentada en los estados de Oaxaca, Chiapas y Guerrero en México en ese viraje del siglo XXI, pudiendo percibirse el avance cada vez más voraz del capital sobre el trabajo, inmerso en ambientes rehechos por la reestructuración productiva. En ese inicio del siglo XXI, se amplifica cada vez más la ofensiva del capital sobre el trabajo, impulsada por la necesidad insaciable de acumulación / reproducción en América Latina. En Brasil, entre las diversas formas de concreción de este modelo social, destacamos la agrohidrogocio cañera, que bajo la prerrogativa del discurso falaz del desarrollo nacional, sostenible, etc., omite varias quejas en relación a violaciones laborales, la salud de los trabajadores, la cuestión sindical, las cuestiones ambientales, entre otras. Un ejemplo es la configuración presentada en la Región Administrativa Presidente Prudente (São Paulo, Brasil) que nos ocuparon en nuestros estudios en el país, con destaque para la migración de trabajadores de varias regiones del Nordeste brasileño, para el corte manual de caña de azúcar. En esta perspectiva, en este texto intentamos entender la realidad de los trabajadores migrantes temporales en México, específicamente en los estados de Oaxaca y Chiapas, buscando analizar su trabajo y trayectoria de vida.

Palabras-clave: Migraciones del trabajo. Agrohidronegócio. Trayectoria Laboral. México.

Introdução

No início do século XXI, a ofensiva de capital sobre o trabalho é cada vez mais ampliada, impulsionada pela necessidade insaciável de acumulação / reprodução na América Latina. No Brasil, dentre as várias formas de personificação desse modelo social, destacamos o agrohidronegócio canavieiro, que, sob a prerrogativa do discurso falacioso do desenvolvimento nacional, sustentável, etc., omite várias queixas em relação às violações trabalhistas, à saúde dos trabalhadores, sustentabilidade, questão sindical, questões ambientais, entre outras. Como exemplo da configuração que é apresentada na Região Administrativa de Presidente Prudente (São Paulo, Brasil) que nos ocupou em nossos estudos no país, destacando a migração de trabalhadores de diferentes regiões do Nordeste para o corte manual de cana de açúcar.

Nesta perspectiva, tentamos entender a realidade dos trabalhadores migrantes temporários no México, especificamente nos estados de Oaxaca, Chiapas e Guerrero, buscando analisar seu trabalho e trajetória de vida. Para tanto, pretendemos compreender quais significados e significados compõem o processo de migração do trabalho para o capital agroindustrial no México, buscando estabelecer aproximações com a realidade apresentada na Região Administrativa de Presidente Prudente (São Paulo, Brasil).

Dessa forma, nos chama a atenção à realidade apreendida no México, no que se refere aos aspectos relacionados ao avanço do agronegócio no país, dado o destaque para a estrutura agrária do mesmo, considerando a contínua luta realizada por os camponeses e indígenas reconhecerem seu direito a terra, que avançou muito depois da Revolução Mexicana e da promulgação da Lei Agrária de 1915, que finalmente permitiu a distribuição coletiva de terras no país, como afirmaram Bórquez; Berlanga (2014).

O processo de redistribuição da terra permitiu modificações na organização econômica do país, alterando o regime de propriedade da mesma, permitindo que as populações camponesas e indígenas tivessem acesso a alimentos a preços mais modestos. No entanto, esta não é a realidade verificada no início do século XXI, com o avanço do agronegócio no país, dadas as reformas estruturais realizadas no país desde a década de 1980, com a abertura econômica, as privatizações e as políticas de estabilização macroeconômica e que permitiu ampliar as disputas territoriais empreendidas pela capital vindas das mais diversas partes do mundo, seguindo o exemplo da Odebrecht do Brasil, com interesses no

setor agroindustrial da cana-de-açúcar, concessão de rodovias, entre outros (OLIVEIRA, 2014, BÓRQUEZ, BELANGA, 2014).

Além dos interesses no setor agroindustrial da cana-de-açúcar, vale mencionar também a oferta de mão-de-obra barata, principalmente de origem migrante para seus empreendimentos no país, o que acaba por colocar em xeque os ganhos obtidos após a Revolução Mexicana, como a recuperação da matriz cultural ameríndia e o colapso do padrão ditado pela presença do latifúndio, que estão novamente aparecendo no país (TOLEDO, 2010).

Em contraste, o governo mexicano estima que 80% dos camponeses do país vivem em extrema pobreza, o que aumenta o número de trabalhadores que se deslocam dentro do território mexicano, bem como os Estados Unidos, uma situação que é compartilhada por países vizinhos como Guatemala e El Salvador, dado que os movimentos migratórios fazem parte de uma dinâmica comum desenvolvida por famílias camponesas e indígenas, e que o estado de Chiapas tem não apenas a rota de passagem, mas também o estabelecimento dessas populações (SIGUENZA, 2008; SORRENTINO, 2015).

Neste íterim, destacamos as migrações de trabalho para o capital estabelecido nos estados de Oaxaca, Chiapas e Guerrero, estados com uma grande presença de agricultura de subsistência, que se deslocam por todo o país para trabalhar em unidades de negócios no Estados do Norte e Centro do país, principalmente em atividades relacionadas ao agronegócio.

Essa configuração é semelhante àquela manifestada no Brasil entre os estados do Nordeste e Norte de Minas para o estado de São Paulo, dada a migração feita para trabalhar no corte e colheita de cana-de-açúcar, a migração está em condições indignas, marcada para a exploração severa dentro e fora do trabalho e até mesmo condições análogas àquelas do escravo. Além disso, como indicamos em nossa pesquisa no Brasil, Nemecio (2017) destaca que o fenômeno migratório não envolve apenas migrações temporárias e que elas obedecem a ciclos agrícolas, como também foi realizado permanentemente em território mexicano.

Essas considerações são importantes considerando nossa perspectiva de analisar semelhanças e diferenças entre o processo de migração que ocorre no Brasil para o agrohídronegócio da cana-de-açúcar e o realizado no México, chamando atenção para as condições de vida e sobrevivência nos estados de origem destes trabalhadores, como em Oaxaca, Chiapas e Guerrero, com a presença maciça de trabalhadores migrantes de origem indígena e sua história de trabalho.

Dessa forma, esses trabalhadores, além de invisíveis, vivem em condições de vida deploráveis, estando constantemente em contato com agrotóxicos, agroquímicos, fertilizantes, etc., sob risco iminente de contaminação, além de estarem constantemente expostos a lesões corporais como: fraturas, queimaduras e insolação e ser alvo de ataques racistas, tendo em vista o fato de manter sua língua e cultura indígena (DAMIAN, 2015, CAMARGO, 2015, CLÉRIGA, 2017).

Marín (2015) destaca que o grande fluxo de trabalhadores migrantes se expandiu devido às políticas aplicadas nos governos neoliberais em relação ao campo no México, que ao mesmo tempo em que retiram investimentos para o cultivo de bens de subsistência, aumentam as contribuições de recursos para o agrohidronegócio para a produção de frutas, flores e hortaliças para exportação, assim como cana-de-açúcar e etanol, dados os incentivos para investimento em capital estrangeiro.

Em relação às políticas neoliberais, é importante destacar o Acordo Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA), que rompeu com o pacto social revolucionário, culminando com o fim da reforma agrária e a possibilidade de privatização da propriedade social que causou o levante do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) no estado de Chiapas, dando visibilidade aos movimentos indígenas ao mesmo tempo em que novas formas de fazer políticas foram construídas na esfera nacional e mundial (BÓRQUEZ, BERLANGLA, 2014).

Por outro lado, ao viajar para outros estados do país, ou principalmente para os Estados Unidos, esses trabalhadores realizam um trabalho que poucos querem realizar e para salários que os mantêm em condições de vida precárias, ao mesmo tempo em que o processo de migração também tem efeito negativo no que se refere às formas de contratação, que à semelhança do que acontece no Brasil, ocorrem por meio dos enganchadores, que fazem o papel de intermediários entre as frações da capital agroindustrial e os trabalhadores migrantes.

Assim, no caso específico de Oaxaca, Chiapas e Guerrero, estamos voltando nossa atenção para as migrações temporárias ou sazonais, que se caracterizam pela permanência dos trabalhadores por períodos específicos até que retornem às suas regiões de origem, e Os estados considerados exigem mais atenção devido à maior incidência de pobreza e, portanto, estados com uma longa tradição de migração (CENTRO DE ESTUDOS SOCIAL E DE OPINIÓN PÚBLICA, 2005).

De acordo com os estudos realizados pela CESOP em 2005, os estados de Chiapas, Oaxaca, Guerrero, Puebla e Veracruz respondem por 72% dos municípios com altas taxas de marginalização e, portanto, a região mais marginalizada do país, com destaque para o estado de Chiapas, onde 92% dos municípios têm alto e muito alto grau de marginalização e Oaxaca, dado que o estado concentra apenas 35,4% dos municípios com alta e alta marginalização país, que é um fator chave para entender as constantes migrações feitas pelos trabalhadores nesse estado.

Solis e Aguilar (2006) ressaltam que a crise rural vivida em Chiapas desde os anos 80 tem caráter estrutural e deixa grandes marcas, levando em conta a vulnerabilidade da produção agrícola do estado e a falta de uma política agrícola consistente, bem como de perspectivas de desenvolvimento social e político e que gerou uma situação que obriga principalmente as famílias camponesas a buscar a migração na perspectiva de mudar suas vidas, dada a ampliação da desigualdade social e escassez de empregos.

Assim, chamamos a atenção para as migrações de trabalho em direção ao capital nos estados de Oaxaca, Chiapas e Guerrero no México, o que, como assegura Oliveira (2009, p.137), nos leva a entender que o migrante é obrigado a escolher aquele que ele não "quer ser, isto é, um migrante", levando-nos a uma leitura feita por Silva (2011); Flores (2006), que aposta na leitura do processo migratório de trabalho em direção ao capital que se vê nas formas de sociabilidade, no desenvolvimento de novas identidades, na construção de redes de sociabilidade e na elaboração de estratégias entre os trabalhadores ao deslocarem se pelo território.

Ao mesmo tempo em que nos propomos a entender as trajetórias de trabalho dos estados de origem dos trabalhadores migrantes, para citar os estados de Oaxaca, Chiapas e Guerrero, uma vez que entendemos as trajetórias de trabalho enquanto as posições sucessivas que as pessoas estão realizando em seu trabalho ao longo de sua vida, no que traduzimos para as diferentes lavouras que os trabalhadores realizam (ROBERTI, 2011).

Nesse sentido, esses são os principais pontos que abordaremos neste texto e que faziam parte das anotações que poderíamos fazer enquanto estávamos em nossa estada no México. Para compreendermos o fenômeno em estudo temos apreendido a processualidade que nos possibilita sintonizá-la no quadro de degradação e precarização, porque passam os trabalhadores migrantes nos estados de Oaxaca, Chiapas e Guerrero.

Entretanto, é preciso enfatizar que realizamos entrevistas semiestruturadas nos três estados do México, como mencionado acima, com destaque para Guerrero que foi incluído

na nossa análise, tendo em conta a realidade das más condições de vida existente no mesmo, principalmente na região onde poderíamos estar acompanhando que é a "Montaña", onde estão localizados os municípios com um grau muito elevado de vulnerabilidade, como o município de Cochoapa el Grande que pudemos estar visitando.

Migração de trabalhadores jornaleros agrícolas para o capital nos estados de Oaxaca, Chiapas e Guerrero

Quando falamos em trabalhadores jornaleiros agrícolas, é importante perguntar quem são eles? Os trabalhadores jornaleiros agrícolas são pessoas que trabalham fazendo atividades relacionadas ao cultivo da terra para a produção de hortaliças, leguminosas dentre outros cultivos, em troca de um salário pago em dinheiro.

Atualmente, há um contingente entre 2,4 e 5 milhões de trabalhadores migrantes jornaleiros no México, a maioria deles provenientes dos estados de Veracruz, Chiapas, Puebla, Oaxaca e Guerrero, com origem camponesa e indígena, principalmente Mixtexo, Nahuatl, Tlapaneco, Zapotec, Triqui, Tzotzil e Tzeltal, sendo recrutados principalmente nos estados do Norte do México, em lavouras de hortaliças, frutas e grãos para o mercado nacional e internacional.

Esses trabalhadores podem ser divididos em quatro grandes grupos, de acordo com dados da Rede de Trabalhadores Jornaleros Agrícolas (2017) a depender de sua situação de emprego: os trabalhadores camponeses pobres ou sem terra que: a) trabalham em seu local de origem ou próximo em parcelas de terra familiar ou de outros agricultores em troca de um salário em dinheiro, b) aqueles que migram e trabalham sazonalmente em uma área de produção localizada em outro estado ou município em troca de um salário e depois retornam ao seu local de origem (migrantes temporários c) aqueles que migram e trabalham sazonalmente em duas ou mais áreas produtoras de um ou mais estados do México e dos Estados Unidos em troca de salários ou camponeses que d) foram migrantes e agora residem em áreas produtoras, assim como aqueles que trabalham por temporada em diferentes empresas e culturas ou permanentemente em um, fazendo vários trabalhos em troca de salário.

Quanto às condições de trabalho, a jornada de trabalho dura mais de oito horas, por exemplo, quando o empregador os obriga a continuar trabalhando por mais tempo, outra forma é o chamado 'trabalho a desecho', quando pago de acordo com a quantidade de trabalho feito, por exemplo, pelo número de frutos colhidos ou campos limpos.

Outra modalidade é quando o ritmo de trabalho se intensifica, no chamado 'trabalho por tarefa', quando o trabalhador deve realizar certa quantidade de trabalho para obter o pagamento por uma jornada, e ainda há a modalidade mista, quando o curso de uma jornada deve ser cumprido com certa quantidade de trabalho e terminado a mesma, se paga por unidade adicional.

Esses tipos de abuso e precarização das relações trabalhistas no país levaram à insurgência de um movimento conhecido como 'o movimento dos jornaleros do vale de San Quintín', que ocorreu em 17 de março de 2015, onde milhares de trabalhadores jornaleros migrantes das empresas (AONEyMJS) bloquearam estradas reivindicando principalmente melhores condições de remuneração e que são equiparadas ao que é pago em outras regiões do país.

No entanto, essas violações não são as únicas cometidas no México em relação a essas populações, uma vez que é comum o desaparecimento de trabalhadores, como o registrado pela Rede de Trabalhadores Jornaleros Agrícolas (RNJA) em Oaxaca, em que cerca de 200 pessoas desapareceram quando seguiam para o estado de Sinaloa, que é um dos principais destinos dos trabalhadores advindos principalmente dos estados do sul do país (Figura 01).

Figura 01. Principais estados de origem e destino dos trabalhadores migrantes jornaleros agrícolas no México.

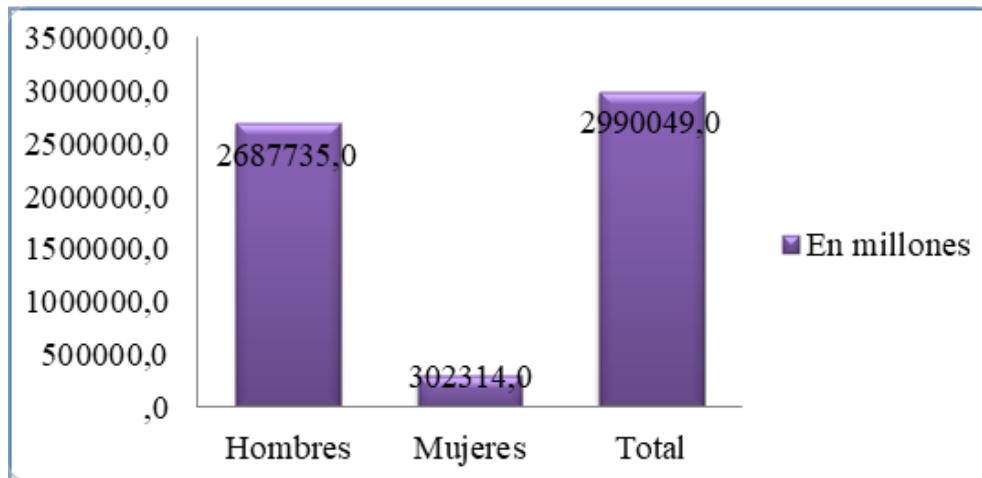


A figura 01 apresenta os principais estados de origem e de destino dos trabalhadores migrantes jornaleiros no México, destacando os três estados foco de nossa pesquisa, para mencionar: Oaxaca, Chiapas e Guerrero, considerando que seus trabalhadores são destinados principalmente para estados como: Sinaloa, Sonora, Baja Califórnia, Baja Califórnia Sur e Chihuahua, o que foi evidenciado durante as entrevistas.

Em relação a esses deslocamentos, é importante considerar a invisibilidade dessa força de trabalho, como nos canaviais de São Paulo-Brasil, que permite ampliar a vulnerabilidade dos trabalhadores. Dados do INEGI (2017), cerca de 70% da população dos estados de Oaxaca, Chiapas e Guerrero é devastada pela pobreza ou extrema pobreza, sendo curiosamente os estados com o maior contingente de trabalhadores migrantes agrícolas diaristas.

Em números oficiais é difícil contextualizar o número exato de trabalhadores nessa condição no país considerando as diferentes pesquisas realizadas e as metodologias para contabilizar essa população, então o que pode ser previsto são valores aproximados (Figura 02).

Figura 02: População estimada de trabalhadores em dia de migrantes no México.



Fonte: Rede de Trabalhadores Jornaleros de México (2017).

Organização: Bento (2018).

Como podemos ver na figura 02, a população estimada de trabalhadores em dia de migrantes no México é de 2.990.049 milhões de trabalhadores, com 2.637.735 homens e 302.314 mulheres, entendendo-se que este número é subnotificado, principalmente se pensarmos na presença do trabalho feminino, porque muitos dos trabalhadores acabam migrando com seus maridos para os estados do Norte do país.

Em nossas investigações, pudemos perceber que boa parte dos trabalhadores é destinada aos estados de Sonora, Sinaloa e Baja Califórnia, especialmente para os centros agrícolas produtivos de Sinaloa e Sonora, que empregam muitos dos trabalhadores com os quais tivemos contato n os três estados investigados, sendo importante demarcar que entre

os municípios de destino mais procurados estão os de Culiacan (Sinaloa) e Hermosillo (Sonora), com destaque para o estado de Sonora, mais citados pelos trabalhadores.

Nas principais culturas e lavras que estes trabalhadores se submetem estão a colheita da uva, pepino, tomate, morango (Figura 03), pimentão de vários tipos, melão, nozes, pêssego, hortaliças de origem chinesa, legumes, etc., que demandam não só destreza, mas também um cuidado muito grande dos trabalhadores ao realizar seu trabalho, o que nos permite questionar o controle social dentro e fora dos locais de trabalho que sofrem os mesmos.

Figura 03. Principais produtos, custo de produção e salários.

Cultivo	Hectáres cosechadas	Costo por área	Rendimiento (hec)	Ingreso (hec)	Ganancia (hec)	Jornaleros (hec)	Costo de mano de obra (hec)	Salário medio diario de poblacion jornalera
Chile Jalapeño	164,636	\$68.620	23.8 ton	\$109,147	\$40,427	37,11	\$7,422	\$200 pesos
Fresa	11,083	\$533.025	45 ton	\$765,000	\$231,975	154,6	\$23,190	\$150 pesos
Tomate	51,299	\$2.128.624	350 ton	\$3.500,00	\$1.731,376	1,468	\$264,240	\$180 pesos

Fonte: Rede de Trabalhadores Jornaleros do México (2017).

Organização: Bento (2018).

Como podemos ver na Figura 03, o salário baixo é mais uma marca que caracteriza o trabalho agrícola realizado por jornaleros, variando de 150 a 200 pesos por dia, ou até menos, quando consideramos as principais culturas e remunerações pagas nos principais destinos desses trabalhadores.

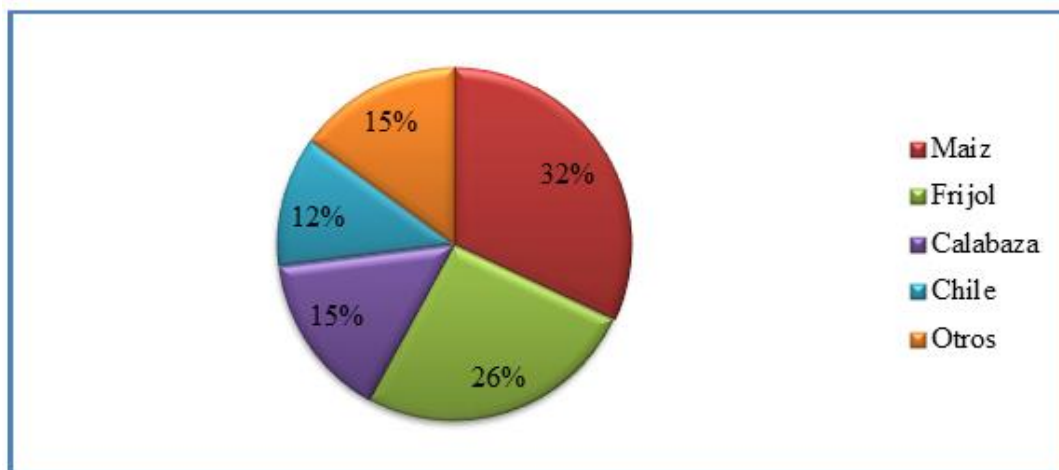
Nessa perspectiva, com relação aos deslocamentos pelo país, pudemos contabilizar em nossa pesquisa e trabalhos de campos alguns dos principais fluxos migratórios que se dão entre Oaxaca de Juárez (Estado de Oaxaca) e povoados próximos e Hermosillo (Estado de Sonora), Oaxaca Juárez (Estado de Oaxaca) e Tuxtepec (Oaxaca) para o corte de cana de açúcar, Coatecas Altas (estado de Oaxaca) para o estado de Baja Califórnia Sur, Tlapa de Comonfort (estado de Guerrero) e seus povoados próximos para Culiacán (Estado de Sonora), Cochoapa el Grande (estado de Guerrero) para o estado de Baja Califórnia, San Cristóbal de Las Casas (Chiapas) e povoados próximos de Hermosillo (estado de Sonora) e Tenejapa (Chiapas) para San Quintín (Baja Califórnia), conforme apresentamos no mapa que

descreve não apenas nossos trabalhos de campo, como também os municípios de origem que pudemos visitar e os principais municípios e estados de destino citados.

A força de trabalho migrante jornalera é também vulnerável no que se refere à contaminação por agrotóxicos, pesticidas, fumigadores, etc., usados em lavouras nos estados de destino e que é uma das principais queixas desses trabalhadores quando pensamos nas incomodações ocupacionais sofridas pelos mesmos, com ênfase para as dores de cabeça, dores nas costas, câimbras, cortes, fraturas, tonturas e vômitos, que estão diretamente relacionados aos produtos químicos utilizados nas lavouras, como afirmam os coordenadores da ONG Voces Mesoamericanas em entrevista concedida em 17 de julho de 2018.

Nessa perspectiva, podemos perceber a perversidade manifesta no dia-a-dia dos trabalhadores migrantes em lavras que são muito diferentes daquelas que costumam realizar em suas regiões de origem, que são marcadas pelo cultivo de subsistência de gêneros como milho, feijão, calabaza e pimentão (Figura 04) entre outros que indicam o caráter camponês e indígena dessas populações e que ao chegarem às regiões de destino, têm que se acostumar a um ritmo e rotina de trabalho totalmente diferentes, com dias extenuantes, cobranças pela qualidade do produto colhido, o que apenas ampliam o controle social exercido dentro e fora dos campos agrícolas, uma vez que o mesmo também se mantém na nos alojamentos desses trabalhadores, em uma dinâmica semelhante à existente no Brasil, como indicam as investigações de Bento (2015).

Figura 04. Principais cultivos realizados pelos trabalhadores migrantes.



Fonte: Investigação de campo (2018).
Organização: Bento (2018).

Nesta perspectiva, o milho assume um papel central tendo em mente que, além de gênero cultivado, é à base da alimentação nacional, estando presente nas tortillas, assim como na milpa, estando relacionado com a própria origem campesina e indígena desses trabalhadores.

Além de culturas de subsistência, esses trabalhadores também contam com programas sociais do governo federal mexicano, destacando a PAJA (Programa de Apoio para a Atenção dos Jornaleros Agrícolas), promovido pelo Ministério do Desenvolvimento Social (SEDESOL), responsável pela melhoria das condições de vida dos trabalhadores rurais migrantes, promovendo uma série de ações que incluem desde o pagamento das passagens de retorno para estes trabalhadores, dado que ao aceitarem os contratos de trabalho nos municípios de destino, estes trabalhadores não podem sair antes que findem, independentemente das justificativas apresentadas, o que faz parte do sistema de controle social que é estabelecido para com os mesmos.

Desta forma, o PAJA é responsável por promover melhorias nas acomodações, além de pagar as passagens de ida e volta desses trabalhadores, bem como de lidar com a geração dos dados referentes a essa população. Outro programa que não é direcionado a esses trabalhadores, mas que os mesmos se beneficiam ao terem seus filhos na escola, é o Prospera, desenvolvido por meio duas frentes: com corresponsabilidade e sem corresponsabilidade, concedendo recursos a quase 7 milhões de famílias mexicanas para fortalecer sua alimentação, saúde e educação; ligando os beneficiários a projetos produtivos, opções de trabalho e serviços financeiros.

Esses programas são acessados principalmente no estado de Oaxaca, marcado pelo trabalho familiar em lavouras como as citadas anteriormente, principalmente em municípios como o Coatecas Altas (Figura 05), que vivem em condições de extrema vulnerabilidade (Figura 06), como destacam Gaytán. ; Pérez (2009).

Figura 05. Cultivos agrícolas em Coatecas Altas (Oaxaca).



Fonte: Pesquisa de campo (2018).

Organização: Bento (2018).

Figura 06. Vulnerabilidade presente nas residências em Coatecas Altas (Oaxaca).

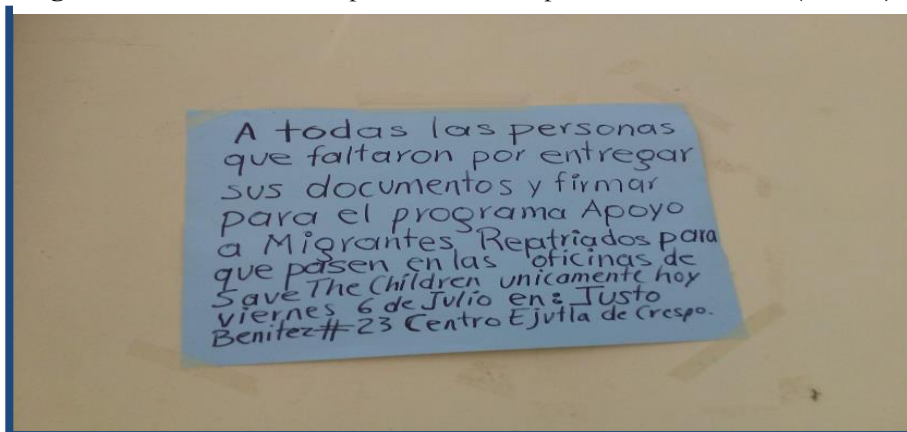


Fonte: Pesquisa de campo (2018).

Organização: Bennto (2018).

O município de Coatecas Altas em Oaxaca é fortemente marcado pelas migrações de trabalho para a capital, principalmente para os campos agrícolas do Norte e Noroeste do país, sendo principalmente composta pela população indígena que não tendo como custear a viagem e travessia para os Estados Unidos, acabam vendo nos recrutadores (enganchadores) que chegam às cidades em busca de trabalhadores, enquanto a oportunidade não apenas de migrar, mas também de subsistir, realidade que está pudemos perceber ao visitarmos o município, dado que a realidade migratória está presente em todos os lados (Figura 07).

Figura 07. Cartaz fixado na prefeitura municipal de Coatecas Altas (Oaxaca).



Fonte: Pesquisa de campo (2018).

Organização: Bento (2018).

De acordo com Gaytan; Pérez (2009) a migração é a principal alternativa, uma vez que 100% da população do município tem como atividade principal, a atividade agrícola, que diminui ou praticamente desaparece em dias chuvosos, levando em conta que diferente do que ocorre nos canaviais do Brasil, em Tuxtepec (Oaxaca), um dos principais destinos dos trabalhadores de Coatecas Altas, nos dias chuvosos não há trabalho e a jornada não é paga pelo dia perdido, e se não trabalham, não comem, o que exacerba o índice de marginalização da população, que também tem forte presença de trabalho infantil, afirmação feita pelos representantes da ONG Caminos de Oaxaca (Figura 08), uma das ONGs responsáveis pela promoção dos direitos dos trabalhadores rurais.

Figura 08. ONG Caminos de Oaxaca.



Fonte: Pesquisa de campo (2018).

Organização: Bento (2018).

O caso apresentado em Chiapas é semelhante ao observado em Oaxaca, com a forte presença da população migrante de origem tzotil e tzetzal que realizam migrações do trabalho para o capital, uma vez que estas populações são compostas principalmente de trabalhadores rurais, como é o caso de Tenejapa (estado de Chiapas), um dos municípios que pudemos acompanhar e que está presente na entrevista com a ONG Voces Mesoamericanas em San Cristóbal de Las Casas.

P: Para onde vai à população que deixa Chiapas?

E: Há uma parte que vai para Yucatán para trabalhar na construção civil em Cancún, outros são trabalhadores agrícolas que vão para os estados de Sonora e Baja Califórnia Sur, bem como Jalisco ... e outra parte importante são as mulheres que vão vender artesanato ou para trabalho doméstico em San Cristóbal de las Casas, na Cidade do México, ou para Tabasco e Veracruz.

Q: E de que povo eles vêm?

Eles vem principalmente dos Altos de Chiapas, todas as comunidades migram... Chenaloo, Tenejapa ... todos do Alto de Chiapas, todos com a migração ... vão para Tabasco, Veracruz, Sinaloa, Baja Califórnia Sur ...

Q: Qual é o impacto da presença desses trabalhadores? Existe uma infraestrutura das ONGs para acolhê-los?

No caso das comunidades camponesas, quando realizam trabalhos na comunidade e não conseguem mais remunerar-se, onde trabalham com o milho, calabaza, feijão, são comunidades de subsistência, porém não há parcelas de terra suficientes, dado o número de filhos ... e não comprar com o dinheiro ... pagam com a produção e por isso para adquirirem outros produtos, acabam migrando, quando estão aqui plantam... quando começa a temporada de corte da uva, eles vão para Sonora, movendo-se continuamente, vêm e vão ... vêm e vão ... numa parte do ano cultivam o milho, depois podem trabalhar na construção civil e, em seguida, no plantio de uvas em Sinaloa, e o tempo varia muito com a oferta de trabalho quando a empresa diz que vai fazer contrato de 3 meses, então...eles vão por três meses ... em Chiapas, os enganchadores que vêm buscar os trabalhadores, os chiapanecos não vão sozinhos buscar trabalho, sendo que eles chegam oferecendo trabalho e já trazem os ônibus...¹

Assim, esses trabalhadores acabam sendo submetidos a uma série de condições precárias de trabalho dentro e fora dos campos agrícolas, bem como nas mais diversas atividades que desenvolvem em território mexicano, marcadas por condições precárias como as apresentadas pelos coordenadores da ONG Voces Mesoamericanas e também em entrevista com a população local de Tenejapa (Chiapas).

Desta forma, o trabalho jornalero migrante faz parte de uma economia familiar, que emprega muitas pessoas ... que ao mesmo tempo é ser agricultor ... ser pedreiro ... mas que também produz café, alguns fazem trabalho doméstico, no caso da mulher ... comerciante ... então não tem uma identidade apenas enquanto jornalero agrícola, pois também é um camponês ... indígena ... e essas características estão presentes desde a origem desses trabalhadores que ao cultivarem seu próprio alimento, os permitem desenvolver uma série de aprendizagem no que diz respeito aos cultivos agrícolas.

Esta situação não é diferente da apresentada nas montanhas de Guerrero, principalmente nos municípios de Tlapa de Comonfort e Cochoapa el Grande, dado o desenvolvimento de uma série de atividades agrícolas nos povoados onde residem os

¹ As entrevistas foram autorizadas pelas organizações e trabalhadores citados. No caso dos trabalhadores são usados pseudônimos para preservar a identidade dos mesmos.

trabalhadores jornaleros migrantes, com ênfase em para o cultivo de milho, calabaza e feijão como mencionado anteriormente (Figura 09).

Figura 09. Cultivos agrícolas em Chiepetepec (Tlapa de Comonfort-Guerrero).



Fonte: Pesquisa de campo (2018).

Organização: Bento (2018).

Assim, as diferentes situações e realidades observadas nos três estados em que pudemos estar presentes compreendem e nos estimulam a uma série de reflexões sobre a questão migratória no México, principalmente no que diz respeito aos trabalhadores rurais, o que nos estimula e nos encoraja a perceber que entre as semelhanças entre a realidade brasileira e mexicana está a superexploração do trabalho e o controle social exercido sobre os trabalhadores e dentre as diferenças podemos assinalar as condições ainda mais precárias de sobrevivência dos trabalhadores no México tanto nos lugares de origem como de destino.

Considerações finais

O que pudemos acompanhar durante nossa estadia no México nos impele a perceber que a precarização e a superexploração do trabalho estão aumentando cada vez mais, não apenas no Brasil, mas também em toda a América Latina, o que impõe uma série de questões em relação às perspectivas de enfrentamento e resistência dos trabalhadores aos controles e excessos de capital, com ênfase no capital agroindustrial, que semelhante ao que ocorre no Brasil, também levou ao México uma série de programas e ações que enfraquecem cada vez mais a luta camponesa e indígena pela terra.

É em relação a essa plêiade de consequências, está o desafio de construir uma Geografia do Trabalho neste começo de século, uma vez que as amarras que sustentam e submetem o trabalho ao capital devem ser transpostas, principalmente as que se materializam na manutenção do metabolismo do capital da capital, sendo não só extremamente importante, mas também essencial que façamos uma leitura geográfica e territorial do trabalho, a fim de não só nos posicionarmos diante do atual estado de coisas, mas também rumarmos para uma alternativa diferente daquela que está posta, que é a do capital.

Entretanto, para a realização dessa tarefa é importante que centralizemos nossa atenção para a configuração vivida no México, uma vez que expressa uma série de conteúdos perversos que são apresentados, quando intentamos compreender o mundo do trabalho no início do século, com a atenção direcionada principalmente às mudanças técnico-ocupacionais, porque passa o capital agroindustrial e os reajustes diretos desse processo, que tentamos destacar neste texto, desde a superexploração do trabalho nos campos agrícolas até a utilização da mão-de-obra migrante, casos de adoecimento e descarte de trabalhadores, sendo todos esses, resultados diretos do período atual porque passa o trabalho na América Latina.

Referências Bibliográficas

BENTO, F. S. A dinâmica geográfica do trabalho encimada nas migrações sazonais para os canaviais do Pontal do Paranapanema (SP), no início do século XXI. **Revista Pegada**, vol. 16, n.1. 2015.

CONCHEIRO, L.; BERLANGA, H. Tierra, territorio y poder e cien años de la reforma agraria en México: lucha y resistencia campesindia frente al capital. In: ALMEYRA, Guilherme et al. **Capitalismo: tierra y poder en América Latina (1982 – 2012)**. vol. III, México: Ediciones Continentes, 2014.

DAMIÁN, G. E. Mujeres de San Quintín: de la vulnerabilidad a la insurgencia. **La Jornada del Campo**, n.93, 30p. 20 de junio de 2015.

FLORES, S. M. L. **Control del espacio y territorialidad en las migraciones rurales en el caso de Mexico**. In: Congreso Latinoamericano de Sociología Rural, 7, 2006, Quito. ANAIS CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL, Quito: [s/n], 2006.

GAYTÁN, F. M.; PÉREZ, J. I. J. Agricultura y migración campesina. Un estudio para comprender la incorporación del trabajo infantil en una región indígena de México. **Revista Argentina de Sociología**, año 7, n.12, pp.125-149, 2009.

MARÍN, C. O. Migración, precariedad y sindicalización en la agricultura globalizada. **La Jornada del Campo**, n.94, 20p, p.10, 18 de julio de 2015.

MEXICO, Centro de estudios sociales y de opinión pública. **Remesas**: un acercamiento a sus impactos sobre la pobreza y el desarrollo.75p. Febrero de 2005.

NEMECIO, I. M. Trabajo infantil agrícola y las políticas de erradicación. **La Jornada del Campo**,n.118, p.06-07, 15 de julio de 2017.

OLIVEIRA, A. M. S. de. **Reordenamento territorial e produtivo do agronegócio canavieiro no Brasil e os desdobramentos para o trabalho**, 2009, 571f. Tese (Doutorado em Geografia)- Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

OLIVEIRA, G. de S. Relatório de Estágio: **Brigada Internacional “Galeano Vive”**. San Cristobal de las Casas - Chiapas – México, 2014 (mimeo).

ROBERTI, M. E. **El enfoque biográfico en análisis social: una aproximación a los aspectos teórico-metodológicos de los estudios con trayectorias laborales**. 2011. 87f. Tese (Doctorado en Sociología), Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad Nacional de La Plata.

SIGUENZA, P. Guatemala: remesas para sectores empobrecidos. **La Jornada del Campo**, n.5, 20p, p.03,12 de febrero de 2008.

SILVA, M. A. de M. S. Vidas transitórias. Entre os cocais maranhenses e os canaviais paulistas. **Revista da ANPEGE**, vol.7, n.1, p. 161-178, outubro, 2011.

SOLIS, D. V; AGUILLAR, M del C. G. Crisis rural y migraciones en Chiapas. **Migración y desarrollo**, p.102-130, primer semestre, 2006.

SORRENTINO, J. Cómo Estados Unidos “resolvió” la crisis de migración centroamericana. **La Jornada del Campo**, n.93, 30p., p.10-15, 20 de junio de 2015.

TOLEDO, V. M. As experiências agroecológicas do México: uma visão geopolítica. Rio de Janeiro: **Agriculturas**, v.7, n.1, p. 40-45, março de 2010.

THOMAZ JUNIOR, A. **Dinâmica geográfica do trabalho no século XXI (Limites explicativos, autocrítica e desafios teóricos)**. 2009. 997f. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2009.